

Política alimentar de guerra

MESSIAS DO CARMO

(Conferência realizada no Curso de Farmácia Militar, organizado para farmacêuticos civis, pela Diretoria de Saúde do Exército).

... "Il sera prudent de ne pas trop compter sur les approvisionnements venant de l'étranger"...

O TEMA que nos foi distribuído — Política Alimentar de Guerra — não pode ser discutido sem um prévio exame de sua extensão e dos seus limites. Se o problema se apresentasse restrito apenas à alimentação da tropa, certos detalhes escapariam forçosamente à alçada de um técnico civil, pois envolveriam aspectos privados, em estreita relação com as medidas táticas que resultassem, para cada circunstância especial, da conjugação dos interesses políticos e estratégicos, na direção geral da guerra.

Tomado o tema, porém, na sua generalidade — Alimentação das forças armadas e das populações civis — torna-se mais amplo e se presta a uma série de considerações de caráter doutrinário e de organização, úteis e oportunas em momentos como êste, em que se procura, exatamente, disciplinar os conhecimentos técnicos, para obtenção pronta da mobilização de todas as fontes e recursos do país, sob a ameaça de forças agressoras.

1 — Guerra total, igual a mobilização total.

A guerra moderna é total e tem como corolário a mobilização total das forças vitais do país. Não subsiste mais a antiga concepção — vanguarda e retaguarda — pois todos os flancos de um país em guerra ficam igualmente expostos, e por toda parte se estende a imensa frente. Decorre dessa imperiosa circunstância a necessidade de um comando para a alimentação nacional, compreendendo a direção da produção, da mobilização e distribuição dos gêneros alimentícios; é de tal transcendência que não pode deixar de estar a cargo ou sob imediato controle das autoridades militares, sempre articuladas, é certo, com os técnicos civis.

Diante do imperativo de uma mobilização total, devemos inferir que êsse ato se reflete ime-

diatamente sobre o volume da produção nacional. E é fácil de demonstrar: a chamada subitânea de numerosa massa de conscritos provoca a desarticulação provisória das frentes industrial e agrícola, e o rendimento de trabalho sofre uma descensão em crise. É bem verdade que êsses elementos são substituídos por outros trabalhadores — mulheres e velhos — evidentemente com menor capacidade e experiência para a agricultura e a criação, que são problemas de força.

Não foi senão prevenido êsse colapso que a Alemanha criou em 1934 a juventude hitlerista, adextrando-a em serviços agrícolas.

A lei do célebre economista inglês Malthus, estabelecendo que a terra produz em progressão aritmética e as populações crescem em progressão geométrica, ainda não havia conhecido demonstração mais cabal do que a oferecida pela guerra total. Esta, porém, desorganizando a faina do campo, impedindo os transportes internacionais pela intensa campanha submarina e tornando acessíveis aos bombardeios aéreos as redes ferroviárias e vias de comunicações, como que entorpece o sistema nervoso do país inteiro e paralisa todo o organismo produtor, em escala superior ao que havia previsto o economista inglês.

A eclosão da guerra, porém, quasi sempre é insidiosa, surge depois de um período prodrômico em que a diplomacia muito discute para evitar o conflito ou para dar tempo ao tempo e assegurar uma mobilização mascarada.

Em França, por exemplo, desde 1936 procedia-se já à mobilização nos domínios agrícolas e era criado, por decreto, um órgão superior de coordenação dos recursos metropolitanos e de além-mar (*Ravitaillement en temps de guerre*), subordinando a produção geral aos Ministérios da Guerra, das Finanças e da Agricultura. Tão oportunas foram as medidas então postas em prática que dois anos depois (1938) a produção excedia a todas as necessidades, e em 1939, à beira da

guerra, os técnicos declaravam pela palavra de Georges Lefebvre, presidente da Comissão Agrícola do Comité Nacional de Comércio Exterior, que os franceses levavam sôbre o adversário a vantagem de estarem melhor nutridos :

“C'est à ce prix seulement que nous pourrions conserver l'avantage matériel et vital d'être mieux nourris que l'adversaire, avantage qui, dans une nouvelle guerre d'usure, devrait encore s'avérer décisif”.

Transportando para êste continente o nosso raciocínio, citaremos um dos últimos boletins do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos acusando a completa mobilização dos recursos alimentares e assegurando que a produção americana excede a todas as necessidades, redobradas pelas exigências de guerra e ainda pelos compromissos com os vizinhos, relativamente à lei de empréstimos e arrendamentos.

2 — O problema dos abastecimentos alimentares.

A política de guerra não se improvisa, tem de ser conduzida, sempre que possível, tirando o máximo de proveito da experiência alheia, e o país que consegue retardar a sua participação obrigatória na luta, não deve distrair um só minuto da organização de sua frente interna de abastecimentos. Esta é sempre a primeira batalha, em todas as guerras.

Estudemos sucintamente o quadro europeu : Três nações desfrutavam a peor situação em face do bloqueio marítimo — a Inglaterra, a Bélgica e a Alemanha, sendo que esta última há mais de dez anos amealhava mantimentos e acumulava armamentos. A Bélgica foi vencida nos primeiros embates. A Alemanha estendeu o seu domínio por sôbre toda Europa e se reabasteceu nos Balcans e demais países ocupados.

Coube à Inglaterra resolver o seu problema, sob a maior chuva de fogo que a História conhece. O povo inglês, aliás, na sua luta secular, não é a primeira vez que se vê condenado à inanição pelo bloqueio.

Alongar-me-ei sôbre o exemplo da Inglaterra, bastante sugestivo, não só por constituir um modelo de vontade e de renúncia, mas ainda porque, tendo perdido grande parte de sua tonelagem mercante, viu-se compelida a empregar os seus porões quasi exclusivamente no transporte de

armas para a defesa do seu povo. Enquanto em um supremo esforço a “Home-Fleet” e a “R A F” mantinham o inimigo contido, embora vitorioso, nas ilhas de S.M. Britânica, por meio da técnica agrícola aprimorada, da disciplina do trabalho, drenava-se a maior área imaginável neste mundo e se aumentava a superfície das pequeninas e heróicas ilhas.

Como na Inglaterra tudo, na sua essência, é um problema legislativo, da alçada do Parlamento ou seja da sua maior fôrça, é através dos debates frios de suas casas de Congresso, pelos discursos professorais dos representantes do povo, que poderemos compreender a magnífica obra que classificamos de modelar para a nossa emergência.

— Reüniu-se a Câmara dos Comuns logo depois da declaração de guerra, quando em toda Comunidade inglesa eram tomadas as primeiras providências. Abriu os debates um membro da oposição, o representante Wilfrid Roberts, e, em defesa do povo, interpelou o Govêrno sôbre sua política alimentar e criticou a situação em 1939. Em face da escassez de alimentos importados — frizava o parlamentar — grave crise esboçava-se no comércio de porcos e de ovos; agravando ainda mais a situação, os comerciantes do gênero estavam ameaçados de ruína. Começava a pressentir que os cuidados do Govêrno, como acontecera, aliás, na passada guerra mundial, concentravam-se na espiral inflatória e os resultados far-se-iam sentir em pouco tempo sôbre os preços dos alimentos, ultrapassando os verificados no período de 1914-18.

Devemos ter presente, para que possamos bem apreender êses debates parlamentares, a importância do comércio de ovos e de porcos, alimentos apreciadíssimos e fundamentais do povo inglês, no seu clássico “breakfast”, constituído como se sabe, de ovos e presunto.

E, continuando na sua interpelação, acrescentava Mr. Wilfrid Roberts que solicitava do Govêrno franca esplanção de sua política alimentar e sugeria a eliminação dos desperdícios e mesmo do luxo de certos alimentos, principalmente para animais.

Toma imediatamente a palavra Mr. Lambert e confessa que a Comunidade agrícola ficaria em débito pelo serviço valioso que lhe prestava a Oposição Liberal, trazendo para os Comuns o assunto mais importante da economia rural. A si-

tuação, de fato, é catastrófica porque os produtores foram compelidos a matar um considerável número de criações, inclusive novas. Havia, contudo, no país, para mais de um milhão de porcos do que na mesma época em 1914, o dôbro de aves e nada menos de um milhão a mais de gado. Entretanto, incidia-se no erro de se ter desenvolvido as indústrias do gênero, à base de alimentos importados, para sustento dos animais.

Ele próprio, com outros membros parlamentares, havia levantado em tempo a questão perante o Governo, desde 1927, apontando a necessidade de drenar 3.700.000 acres de terra; somente a guerra, entretanto, poderia ter bastante força para levar os poderes a compreender a evidência daquela sua observação. Fazia votos para que o Governo não voltasse a incidir nos graves erros de 1914-18!

Acode aos debates o representante Williams e, completando o pensamento do seu colega, afirma que não se sabe quantas vezes a guerra foi necessária ao programa de agricultura em seu país; e faz sua a opinião esposada em recente artigo de Lord Beaverbrook, oferecendo uma solução simplista: *Deveria o povo inglês arar mais 4 milhões de alqueires, aumentar os seus "stocks", comer menos presunto e manteiga e trabalhar 12 meses por ano!*

A essa altura interveio o Duque de Lancaster, para ressaltar o quanto era dura a tarefa do Governo, tendo de alimentar 45 milhões que vivem nas ilhas, sem se contar com importações. Considerava uma das questões mais difíceis os fornecimentos de cereais. Poderia, todavia, adiantar que o Governo havia feito larga armazenagem preventiva, na paz, especialmente de trigo. A razão da escolha do trigo era a um tempo psicológica e prática, para que não faltasse pão ao povo e pela sua aplicação também à alimentação animal. Havia ainda uma terceira razão, que não poderia declinar. Também o milho e a cevada se conservam longo tempo, sendo aconselhável a sua aquisição.

Continuando sua exposição, o Duque de Lancaster explica a política do Governo, que, para evitar o aumento de preços, havia adquirido, por compra, através do Ministério da Alimentação, toda produção.

A participação, na junta parlamentar, de Lloyd George, embora sendo necessário filtrar o

seu pensamento, que se faz acompanhar de fria e mordaz ironia, permite compreender a situação da outra guerra, da qual a presente é a continuação. Diz o antigo Primeiro Ministro que no outro conflito nada quasi foi conseguido de fora, exceto o auxílio "Yankee". O que decidiu a situação foi a restrição. Quando, em 1916, foi conseguido um dos maiores desembarques, já chegava tarde, passado o inverno.

A discussão se fez longa e Sir Dorman Smith congratula-se com os Liberais por haverem levantado uma questão fundamental, declarando que aqueles debates urbanos sobre a agricultura produziram seus efeitos benéficos nas zonas rurais.

Em julho do ano seguinte, comparecem aos Comuns os Ministros da Agricultura e da Alimentação, afim de darem contas da tarefa cumprida.

Fala o titular da Agricultura (Mr. R. S. Hudson). Começa dizendo ser interessante que o povo estabelecesse comparação dessa primeira etapa da campanha alimentar, com a mesma situação em 1917. Àquele tempo, as medidas foram tomadas com toda energia, mas evidentemente tiveram de se concentrar especialmente no incremento da produção de cereais e batatas, para a criação, ao passo que no presente momento o mesmo rigor se faz sentir também sobre o suprimento de leite, que é fundamental. Na atual política do Governo — acrescenta — tudo se firma no contróle dos preços para o não encarecimento da vida. Apesar dos maus tempos, foram cultivados mais de 2 milhões de acres, e, enquanto no Continente a expectativa era sombria ao aproximar-se o inverno, o solo inglês alimentaria os seus filhos.

Fala a seguir o Ministro da Alimentação (Mr. Boothby) e dá a conhecer a principal função do seu Ministério, que é prover com mantimentos a baixo preço todas as classes de consumidores, sendo o seu primeiro encargo a larga aquisição de mercadorias.

Daí por diante caberia precipuamente ao Ministério quatro deveres essenciais:

- a) controlar a importação;
- b) controlar a produção interna;
- c) racionar a distribuição dos gêneros ao consumidor;
- d) regular o preço de vendas.

Para cumprimento de tão elevados encargos, foi feita a maior operação de compras em todo

mundo, em cereais, laticínios, açúcar, óleos vegetais, côcos e frutas, num valor de 600 milhões de libras anuais.

Será interessante, ainda que prolongando estas considerações, destacar da fala ministerial o que se referia ao tabelamento, feito inteiramente debaixo do princípio da competição comercial. O Governo fixava o preço máximo e, muitas vezes, eram os gêneros vendidos abaixo do tabelamento!

Com o advento do Governo de Winston Churchill, depois do desastre de Dunquerque, o esforço de guerra é ainda mais intenso. A política de organização do trabalho tanto se fez no terreno político como no militar e foi encarada com um sentido de preparar as bases da paz futura, sem o empobrecimento da comunidade. É o que se denominou uma paz justa, feita da cooperação interna e da compreensão entre as demais nações, de modo que uma súbita paralisação da guerra não possa acarretar movimentos de rebeldia.

Justo é salientar que a política de abastecimentos da Inglaterra venceu todas as críticas e se consolidou nos anos que se sucederam.

Interromperemos essa incursão pela organização inglesa, para que nos detenhamos ainda sobre outros problemas, mas acrescentando que a semana passada foi apresentado o relatório Scott, preconizando métodos capazes de tornarem a Inglaterra o mais saudável dos países. Por êsse documento de que ainda não são conhecidos os menores detalhes, conclue-se que hoje a Inglaterra aproveitou todas as suas áreas. Segundo o plano Scott a nutrição é beneficiada 100%, pela maior facilidade de aquisição de alimentos protetores, e o plano inglês para depois da guerra prevê o aproveitamento do solo para o plantio de legumes e frutas e para criação, reservando para a importação os cereais. Nos últimos 12 meses, as áreas pantanosas saneadas na Inglaterra são de tal proporção que deixam longe o que foi feito nos charcos pontinos da Itália.

3 — “Trabalhar e produzir”.

A revista passada pela organização inglesa foi propositada, pelo que tem de semelhante com a nossa situação e pelos seus contrastes. A primeira semelhança é a que coincide com a paridade de habilitantes a alimentar. O contraste é a desproporção de territórios. A nova semelhança

é a identidade de nobres sentimentos que nos congregam pelos mesmos altos interesses de civilização e de humanidade!

Com a aceitação do estado de guerra que nos foi imposto, o eminente Chefe do Governo, Dr. Getulio Vargas, sintetizou esta fase de intenso trabalho que será a de organização do nosso potencial em matérias primas, com a fórmula que haveremos de adotar em nosso esforço de guerra: “Trabalhar e produzir”.

Ninguém, sensatamente, será capaz de subestimar a importância de nossa contribuição na guerra. Se países há — tal é o caso da China e das Índias — que pesam sensivelmente na balança bélica pela sua notável capacidade em potencial humano, verdadeiras colméias de soldados, o nosso país ocupa lugar semelhante como o maior celeiro de mantimentos e de matérias primas. Deveremos ter sempre presente a possibilidade de alimentar os nossos aliados.

Feito um rápido balanço, poderemos resumir estas necessidades globais, com uma variante da fórmula inteligente proposta pelo nosso colega Capitão Orlando Rangel Sobrinho, quando tratou das matérias primas em geral:

Alimentação das forças armadas + alimentação da população civil + alimentação dos animais + exportação para os aliados + material para replantação + coeficiente de desgastes (aumentado pelas perdas de guerra total).

De algum tempo a esta parte, sentimos que se processa ativamente êsse trabalho de mobilização. Hoje mesmo, o Snr. Apolonio Sales, ilustre titular da pasta da Agricultura, acaba de pronunciar notável conferência sobre os trabalhos que se processam preparando a colonização do vale do São Francisco. Esta obra grandiosa, por si só, equivale a uma nova descoberta do Brasil, pois está fadada à salvação do nordeste brasileiro, agora mesmo prêsas de atroz estiagem, além de ameaçado pelas forças dos inimigos da civilização.

Por outra parte, volta o Rio Grande do Sul a reabastecer o Brasil de trigo. Sabemos que há cêrca de cem anos havíamos perdido o pôsto que desfrutávamos de maior produtor de trigo no Continente. Neste momento os navios saem abarrotados do precioso cereal daquele Estado para os demais portos do país. Êsses fatos auspiciosos de-

vem lembrar, ao revés, a necessidade urgente de intensificar as comunicações internas, de vez que, com os torpedamentos ora verificados, estamos a ver que o flanco marítimo está exposto. Quando se tem notícia, porém, das estradas que se constroem nas Índias, no Oriente próximo e por sôbre o espinhaço das montanhas da China, deixa êsse problema de ser uma velha utopia, para ser tido como uma realidade a exigir toda força e domínio de nossa vontade.

Em uma palavra, devemos produzir e cada vez mais. O milho e o feijão preto são dois gêneros que se completam, como se fôssem as rodas de uma engrenagem: as proteínas que um não possui, excedem no outro, dando a ambos um elevado valor biológico. Esta a razão porque quando aqui aportaram os descobridores, encontraram uma raça forte e organizada — os maias — cuja alimentação era feita à base de milho e feijão. A mandioca dá em toda parte e constitue matéria prima de primeira classe, como produtora da farinha, do amido e do alcool. O trigo, o arroz, as forragens, as frutas cítricas, as hortaliças, são tantos outros alimentos que a terra precisa fornecer, sem cessar. Todo pequeno espaço deve ser cultivado. O Ministério da Agricultura indicará as espécies a serem plantadas em cada época e as mais apropriadas à terra a ser cultivada.

Cada soldado será um agricultor e cada agricultor será um soldado e toda a nação será composta de soldados e de agricultores!

E o problema do leite? Êsse também não oferece sequer dificuldade. O Dr. Apolonio Sales, Ministro da Agricultura, visitando a exposição de bovinos em Uberaba, pôs em evidência o milagre realizado com o gado "indiano" alimentado por meio do capim gordura, tendo aqui passado por uma transformação plástica notável, perdendo o aspecto esquelético que trouxe da terra de Ghandi, para se robustecer e formar um novo tipo que merece o nome de "Indubrasil". Como vêm, nem sequer conhecemos aquele crucial problema que tanto atormentou os criadores ingleses e escandalizou os Comuns nesta e na outra guerra, que era a importação de alimentos para os animais.

Caberia aqui falar da indústria do frio, imediatamente entrosada com êstes problemas; deixo, porém, ao raciocínio de todos o julgamento de sua oportunidade e do seu valor.

Cientificamente, esta indústria tem os seus fundamentos em princípios biológicos e bioquímicos da putrefação, em que a ação do frio faz paralisar a fermentação e a atividade de micro-organismos e de enzimas, inclusive no próprio seio dos parênquimas, conservando, contudo, intactos os produtos vegetais e animais submetidos à sua ação.

A aplicação de frigoríficos na América do Norte é conhecida deste 1875, sendo Chicago o berço da indústria das carnes congeladas; sua descoberta, porém, teve lugar na França graças a Carré (1859) e aos esforços de Charles Tillier.

A técnica moderna de utilização do frio para fins de fomento da produção deve obedecer a três requisitos fundamentais: I) Localização no sítio da produção; II) Transportes frigoríficos; III) Entrepostos de distribuição. Êsses três requisitos permitem manter um ciclo completo, do produtor ao consumidor.

Os progressos dos frigoríficos teem facilitado o desenvolvimento do comércio de ovos, aves e porcos na Dinamarca, e deu ensêjo a que a Polônia pudesse exportar suas magníficas carnes. O mesmo se tem verificado nos novos países do Báltico.

É notável e digno de nota o grande aproveitamento que tem tido esta indústria nos países platinos, nossos irmãos, Argentina e Uruguai — onde desde 1875 (contemporaneamente a Chicago) é ela explorada.

4 — *Fisiologia do Racionamento.*

A restrição é o resultado de um trabalho calculado de previdência. Baseia-se na distribuição equitativa, no combate ao desperdício e na reserva de estoques capazes de cobrirem as necessidades nos momentos de aperturas.

Nenhuma outra maneira de calcular a ração média pode substituir a do valor energético dos alimentos.

Ouçamos a esse respeito um grande técnico:

Quando a França entrou na guerra (1914-18) incumbiu o saudoso cientista Louis Lapique (de quem não poderemos falar sem uma grande saudade, pois foi fuzilado pelas autoridades de ocupação) de apresentar as bases fisiológicas do racionamento.

Iniciando o seu trabalho, o venerável sábio, prestando homenagem a Lavoisier e Lagrange (o primeiro, morto na guilhotina) lembrou que em 1791 a Assembléia Nacional Francesa havia também solicitado da Academia de Ciências "uma aritmética política sobre as primeiras necessidades internas da França". Embora a ciência àquela época não estivesse armada de meios suficientes para responder, foi notável o parecer firmado pelos sábios referidos, primeiro quando acentuava ainda não ser possível se fazer uma idéia suficientemente clara acerca do grande valor dos legumes e das frutas. E sobre os demais assuntos atinentes aos alimentos expressaram-se os sábios com uma concepção fora de sua época: "Le prix qu'on les paie, y lisons-nous, n'est pas la mesure de la valeur alimentaire; la gourmandise y prend trop de part".

Antes de pôr mãos à obra, Lapicque defeniu os três itens que presidem a escolha dos alimentos: os hábitos familiares, o gosto individual e os recursos econômicos. É claro que em tempo de guerra todo esforço do país gire em torno do último item.

Como fazê-lo? Determinando com rigor a pauta dos gêneros de primeira necessidade e vestindo-os com embalagem própria e inconfundível. Taxar o supérfluo e disciplinar o povo por meio de propaganda razoável e convincente, interessando comerciantes e consumidores.

Em segundo lugar, incrementar a produção desses gêneros, abandonar o cultivo dos sucedâneos de menor valor: armazenar para mobilizar.

O valor calórico escolhido por Lapicque foi de 2.400 calorias diárias, cálculo simpático porque pode estabelecer a hora fisiológica com 100 calorias.

Não somos partidários de 2.400 calorias, preferimos, salvo melhor juízo, 2.800 e assim fica uma média mais alta, para garantir as perdas de manipulação, de culinária, de má mastigação, etc. . 2.800 calorias diárias dão um *per capita* anual de 1 milhão de calorias, o que significa para os nossos 50 milhões de habitantes que a terra precisa produzir para mais de 50 trilhões, sem contar a alimentação de animais e outras necessidades subsidiárias.

5 — Alimentação da tropa.

O soldado em forma, até certo ponto, pode esperar o seu fuzil, os equipamentos e as munições, enquanto se processa o trabalho de mobilização geral. Não é possível, porém, passar um só dia sem se alimentar.

A alimentação adequada da tropa é condição essencial para o seu rendimento, tanto em iniciativa, que é uma prova de inteligência, como em capacidade de resistência que é função de vigor muscular.

A guerra moderna, essencialmente de movimentos, embora bem servida de veículos, ocupa todo o espaço disponível com as munições de fogo e combustíveis, deixando parte bem reduzida para as munições de boca.

Já não fazem parte dos equipamentos motorizados, as antigas cozinhas e padarias de campanha. Não consta mais das rotinas da guerra moderna o abatimento no "front" de animais de corte para alimentação. Tão pouco, os carros frigoríficos com "stocks" de mantimentos em natureza aparecem, senão em formações muito à retaguarda. Se bem atentarmos para as revistas, não mais encontraremos os pitorescos quadros das passadas guerras: a soldadesca alegre a receber a "bóia", composta de uma ração "quente" na "tranquilidade" das trincheiras, no interregno dos combates.

Uma tal situação de inacessível mobilização de gêneros e de impossibilidade de manipulação no "front" é contornada, graças aos recursos modernos da indústria alimentar, com o emprêgo de conservas concentradas. Há vinte e cinco anos, essa prática era veementemente condenada por Mouriquand, que fazia pressão junto às autoridades militares francesas para que fôsse enviados legumes e frutas para as tropas em operações, quando de todo não fôsse possível evitar as conservas.

Hoje, é bem diferente o panorama técnico. O acondicionamento das conservas, feito no vácuo, com métodos próprios, à exclusão de oxigênio, tornou possível ter indefinidamente em conserva todos os gêneros, até mesmo os em que a vitamina C, o mais frágil dos fatores, é componente principal.

Não cabe aqui senão tocar de leve esse relevante assunto, do qual se ocupou exaustivamente o 1.º Congresso Internacional de Conservas, reü-

nido em Paris (1937) sob a presidência de Macheboeuf e Javillier.

A ciência esgotou, nessa matéria, todas as experiências necessárias para que fôsse firmada em definitivo, doutrina a respeito. Assim é que H. Cheftel, desde 1934, vinha alimentando ratos unicamente com conservas, tanto atingido 14 gerações normais, com as suas reservas perfeitamente garantidas.

A missão francesa que excursionou ao polo norte (1932-33), composta de 15 membros, alimentou-se durante 13 meses na Groenlândia somente com conservas. Ainda mais, tendo levado certo "stock" de conservas de tomates e limão, reservaram estas para o caso de haver surto de escorbuto e, por isso mesmo, tendo tudo corrido bem, estas voltaram intatas.

Largstein alimentou vários grupos de crianças, de 6 meses a 10 anos, somente com conservas suplementadas com frutas, também conservadas sem qualquer anormalidade.

E tanto progresso atingiu a técnica das conservas que Gauduchand, no Congresso de Higiene de 1939, em Paris, dava-lhe o seu voto favorável, dizendo :

... "correctement préparée est un aliment essentiellement pur au point de vue bacteriologique et parfaitement irréprochable au point de vue de l'hygiène".

Foi a solução que se procurava para a falta de espaço com que se viu assoberbado o problema da guerra de movimento.

Os "Comandos", as tropas de paraquedistas, as guarnições de tanques e, sobretudo, os aviadores. Todos êsses combatentes eram obrigados a operações em lugares distantes de suas bases, onde não poderiam praticar operações culinárias. Faz lembrar, nessa conjuntura, a velha concepção de Berthelot (1894) das pílulas alimentares, já praticada, aliás, modernamente, no que respeita aos suplementos por meio de tabletes de vitaminas.

O Exército americano resolveu êste assunto com facilidade, graças ao grande desenvolvimento das indústrias de conservas alimentares e disso não fez segredos, pois encontramos, em "Life" de abril do corrente ano, os detalhes da "Army's Iron

Rations". Esta ração especial, com elevado poder nutritivo, bastante variável e que não excede as dimensões de 12 polegadas, compreende vários padrões. O tipo C, por exemplo, é destinado à alimentação de um dia e tem valor calórico de 3.750 calorias. A ração C tem como alimentos básicos : carne e feijão (o americano chama-o de "tradicional feijão"), carne e vegetais picadinhos, carne e vegetais guisados, e, como complemento, biscoitos, açúcar, soluto de café e 5 variedades de sobremesa. Nada menos de 30 milhões dessas rações já foram postas à disposição do Exército.

Uma outra ração, denominada de emergência (Field Ration D), de 1.800 calorias está condensada em 3 bolos, feitos de chocolate, açúcar, farinha de aveia, leite, vanilina e vitamina B1 concentrada. Êsses bolos podem ser comidos ou podem ser dissolvidos, formando uma apetecível bebida. Há, ainda, um almôço-padrão ou ração K contendo em vários recipientes : vitela, porco assado, biscoitos, leite maltado, tabletes de dextrose (para energia) e bala de goma.

O jantar-padrão contém : carne de porco, caldo concentrado, biscoitos, tabletes de maltose e bala de goma. A ceia-padrão consta de linguiça, biscoitos, limonada em pó, açúcar, concentrado de chocolate e bala de goma. Com essas rações servem-se também manteiga dura, com um ponto de fusão muito alto (103°F) própria para os tropicos, caramelos, 4 pedras de açúcar *candy*.

O Exército se reserva a obrigação de fornecer uma refeição comum, sempre que esteja habilitado para isso.

Cabe aqui observar :

a) A necessidade de resíduos nas refeições é a dificuldade de fornecer em campanha alimentos ricos em escórias. Passando em revista a ração de emergência americana, vemos que as fontes de escórias foram poucas : o feijão e os vegetais. Os alemães tem resolvido essa deficiência, por forma um tanto incômoda, com o farelo. Para nós, ao invés, pode ser utilizada uma variedade com quibos, um dos melhores constituintes da ração escoriácea, com a vantagem acrescida de sua viscosidade, favorável sobre a mecânica intestinal. O quibão frito pode ser empregado em conserva e

tem ótimo paladar. Sua plantação intensiva é muito fácil;

b) A fisiologia da fadiga, hoje tão bem conhecida, dá ao metabolismo mineral e dos glicídios novas aplicações. Assim é que podem ser fornecidos em campanha tabletes de dextrose, de sais de sódio e potássio, além de vitamina C, para aumentar a capacidade de resistência ao cansaço.

6 — Alimentação do prisioneiro.

A alimentação do prisioneiro é feita segundo as convenções internacionais e deve ser fornecida nas mesmas condições da alimentação do soldado do país que recebe o prisioneiro. "The food ration for prisoners of war shall be equivalent in quantity and quality to that of depot troops".

As autoridades canadenses, por intermédio da Cruz Vermelha, enviam 10 mil rações semanais para os prisioneiros ingleses que se encontram na Alemanha. Cada volume, de acordo com as tarifas postais, não pode exceder de 11 libras. Os nutricionistas canadenses resolveram esse problema da condensação de valor nutritivo no menor espaço, com bastante inteligência, conforme relato de Frederick F. Tisdal, de Toronto, e ainda levando em conta a conhecida deficiência de gordura com que luta a Alemanha. A ração foi calculada para uma semana, tomando para a base calorigênica 2.070 calorias diárias, visto como os prisioneiros não são submetidos a trabalho rude. Não inclui nem batata nem farinha, para reduzir ao mínimo o volume disponível. A ração semanal está composta dos 15 seguintes gêneros: 1 — Leite integral ou em pó: 16 onças; 2 — Manteiga: 16 onças; 3 — Queijo: 4 onças; 4 — Carne de conserva: 12 onças; 5 — Carne de porco de conserva: 10 onças; 6 — Salmão: 8 onças; 7 — Sardinhas: 4 onças; 8 — Maçã: 8 onças; 9 — Pera seca: 8 onças; 10 — Açúcar: 8 onças; 11 — Geléia de fruta: 16 onças; 12 — Biscoito: 16 onças; 13 — Chocolate pronto: 8 onças; 14 — Sal e pimenta: 1 onça; 15 — Chá: 4 onças. Juntam à mesma, 2 onças de sabão.

Os componentes da ração em aprêço não cobrem totalmente as necessidades vitamínicas do organismo e por isso ela é complementada com 10 onças de trigo integral e 8 de batata e vitaminas concentradas, em tabletes, como se demonstra no quadro a seguir:

COBERTURA DAS VITAMINAS

Vitaminas necessárias Fornecidas Suplemento Tabletes Total

	pelos alimentos	alimento	de vitaminas	
A-3.000-6.000	3.365	68	2.000	5.433
B1-300-500	254	338	—	592
B2-1,5 a 2 mg	1,3	0,4	—	1,7
C-40-60	10 mg	?	30 mg	40 mg
D-400	271	—	200	471

Ainda em relação às necessidades minerais, é completa a ração de emergência Canadense, pois com as 10 onças de trigo integral e 8 de batatas que serviram para completar o poder vitamínico, corrige igualmente a deficiência em minerais, conforme demonstração a seguir:

Minerais necessários	Fornecidos p/ração	Fornecido p/suplemento	Total
Cálcio — 600 mg.....	748 mg	100 mg	848 mg
Ferro — 10 mg.....	4,7 mg	6,0 mg	11,3 mg
Iodo — traços.....	Fornecido pelo sal e pelo peixe		

Como esquema em que se possa calcar qualquer estudo de organização de nossa ração de emergência, os dois exemplos de rações-tipo, dos Estados Unidos e dos prisioneiros ingleses, são bem elucidativos.

A guerra atual é paradoxal e, na maioria dos casos, os combatentes não lutam nos próprios territórios, mas na África, nas estepes russas, no Pacífico, no Ártico e até nas regiões polares. Devemos contar com a possibilidade de manter um exército expedicionário. Se tivermos de operar na África, nossa situação novamente se assemelhará à da Inglaterra, fazendo longas e penosas travessias, pelo Cabo da Boa Esperança, para abastecimento de nossas tropas.

7 — Avitaminoses de guerra.

Nenhuma maior desgraça do que ser um povo colhido de surpresa pelos horrores da guerra, em estado de miséria orgânica, sem as necessárias provisões alimentares.

A guerra total exige um máximo de atividades para o qual se faz necessário o máximo de saúde. Pessoas subalimentadas têm bastante reduzidos o seu poder de reação, sua capacidade de trabalho e até a imunidade natural que é uma função meramente nutritiva.

Foram as condições de estafa, de ansiedade e de subnutrição generalizada que facilitaram a

eclosão da gripe de 1918, que de uma trincheira oculta dizimou indiferentemente todas as frentes.

O colapso germânico de 1918 não resultou somente do desastre militar, pois os exércitos ainda poderiam continuar a luta; foi a falta de vitamina C de sua frente interna, a braços com um estado pandêmico de escorbuto, que ditou a deposição das armas, sob as ordens do General Fome!

Estamos diante da guerra, nossos argumentos não mais se apoiam em hipóteses. Somos um povo de mais de 40 milhões de habitantes e o inimigo, embora distante de nosso território, tudo fará para desarticular os nossos meios de comunicações e desorganizar a nossa capacidade, reconhecidamente alta, de produção e movimentação das matérias primas alimentares.

Devemos distinguir a subalimentação da avitaminose, embora encarando ambas de modo separado, como se fôsse possível isso acontecer. A Sociedade das Nações dividiu os alimentos em duas categorias: alimentos plástico-energéticos e alimentos protetores. Os primeiros compreendem os gêneros comuns, que se compõem de proteínas, hidratos de carbono e gordura, e tem por função a construção e manutenção de nossos tecidos e a produção de energia (calor e movimento) que caracterizam as atividades orgânicas. Alimentos protetores são aqueles que possuem vitaminas, sais minerais, hormônios, fermentos e escórias, e, na sua composição, apresentam certos ácidos aminados, especializados no crescimento e sua manutenção.

Nem sempre os alimentos plástico-energéticos são também protetores, como seria o ideal. Certos gêneros de alta manipulação, como o açúcar refinado, as farinhas brancas, obtidas pela descorticação completa dos cereais, os óleos vegetais refinados, não encerram em sua composição substâncias protetoras. Outros alimentos, armazenados durante muito tempo, perdem as suas qualidades protetoras, pela destruição de suas vitaminas, fatores delicados e sensíveis aos agentes do meio.

De um modo geral, dizemos que o indivíduo é subnutrido quando não recebe a quantidade necessária de calorias, fornecidas pelos alimentos plástico-energéticos. A hipovitaminose ou avitaminose, como é geralmente conhecida, resulta da falta de ingestão dos alimentos protetores. Na prática, êsses dois estados coexistem e um agrava a evolução do outro.

As condições de guerra são todas propícias ao desenvolvimento de estados de subnutrição e de carência. De um lado, pela escassez dos gêneros, e de outro, pelo próprio ambiente nervoso criado pela guerra. As populações sob a ação de bombardeios constantes vê-se obrigada a passar a maior parte do tempo nos abrigos subterrâneos, em condições negativas de conforto. As destruições de haveres, a perda de entes queridos, e tantas outras desgraças próprias dessas eventualidades, mantêm um "tonus" de ansiedade e de irritação que acarreta inapetência crônica, dificultando a alimentação espontânea. Também os soldados, em constante esforço e vigília, sob o pavor dos novos instrumentos de destruição, torna-se um indivíduo permanentemente chocado e sem apetite. Todos êsses fatores, juntos, condicionam a preparação do terreno para as avitaminoses de guerra. Em nenhuma outra época se fazem mais necessários os alimentos protetores, as vitaminas, principalmente do grupo B, para contrabalançarem êsse supremo esforço do sistema nervoso, o fator C para aumentar a resistência à infecção, os sais minerais para retardarem a estafa dêsses milhares de homens em permanente luta de músculos, manobrando monstros de aço.

Toda a questão, para evitar as avitaminoses de guerra, cifra-se num trabalho constante de organização. A princípio é tarefa puramente científica, para criação de métodos e de doutrinas. Passa logo depois para o terreno da sistematização prática, em que a conjugação dos elementos do govêrno com as instituições de toda ordem, precisam se entrosar, como as peças de um relógio. A execução, porém, exige um porfiado trabalho educativo para criar no seio do povo uma mentalidade capaz de compreender o alcance do sistema adotado.

O Exército, por exemplo, possui os seus órgãos provedores, dos quais o mais importante é o próprio serviço de Saúde, que se destina a prover as fileiras de homens em perfeito estado de vigor e de combatividade. O Serviço de Aproveitamento, com as suas secções de aquisição de gêneros, de estatística e de distribuição, está organizado com tal perfeição que, pelas informações de logística que possui, pode prever e prevenir todos êsses estados carenciais, que o Serviço de Saúde combate e aponta.

Encerrando estas considerações devemos destacar que em tempo de guerra todos êsses fatores

devem estar previstos e a autoridade civil precisa organizar-se nos mesmos moldes das instituições militares, criando os seus órgãos provedores afim de exercer um contrôlo logístico sobre a produção.

Em pleno bombardeio de Londres, as autoridades civis se esforçavam para que, exatamente naquele momento crítico, fôsse maior o consumo de leite, um dos mais importantes alimentos protetores. A falta de manteiga, nos países balcânicos, no outro conflito mundial, aumentou extraordinariamente a mortalidade infantil. Os 3 anos de luta em Madrid, durante a guerra civil que serviu de preâmbulo ao atual conflito, deram lugar a toda sorte de observações sobre avitaminoses, tendo à frente os estados pelagrosos, caracterizados pela glossofitia.

Outros episódios da presente guerra esclarecem fatos que podem ocorrer em um país em guerra, e que é lícito podermos prever e evitar.

As crianças polonesas estão sendo dizimadas pelo escorbuto e pela tuberculose, pela falta de alimentos.

Os gregos estão sendo ceifados pela fome. Há bem pouco tempo o Arcebispo ortodoxo grego, nos Estados Unidos, voava para Montreal afim de abençoar a partida de navios que transportavam gêneros para os famintos.

Hamburgo, no mesmo dia do seu bombardeio, tendo sido atingidos os seus armazens de abastecimentos, conheceu a fome.

A destruição das cidades sérvias está levando os seus habitantes para as montanhas e criando um novo povo nômade, os guerreiros de Mihailovich.

Outro fator capaz de criar ainda maiores dificuldades alimentares para o futuro, é a nova tática de terras devastadas. A batalha da Rússia, por exemplo, desenrola-se por sobre os trigais, destruindo totalmente a produção. O mesmo sistema é seguido em todas as frentes, sendo descomunais as destruições.

Ainda a alimentação presta-se para a guerra de nervos e para as sabotagens. Quando estava prestes a queda de Leningrado, já os invasores preparavam as suas hostes, mobilizando russos brancos para promoverem sabotagens, distribuírem cartões de racionamento falsos e assim prepararem as desordens que sempre favorecem às vanguardas do inimigo ao penetrarem na cidade conquistada.

O mesmo acontece nas Índias, tão pronto foi iniciada a campanha de desobediência de Gandhi, primeiro iniciando a sabotagem do monopólio do sal (alimento indispensável), depois fazendo destruir os grandes armazens de trigo de Kelbadevi.

Outro exemplo oportuno temos nos cercos demorados, como de Sebastopol, Tobruk, em que a entrada das tropas para reconquista se caracteriza por um esforço titânico para prestar auxílios alimentares à população sitiada.

Esses exemplos, que se reforçam constantemente através do noticiário de guerra, são bastante convincentes para que possamos tirar todos os ensinamentos que eles inspiram.

Não cabem no esquema desta nossa palestra os detalhes que cada assunto encerra; falando a técnicos suponho seja suficiente lembrar e sistematizar esses fatos para que todos desde logo ajuizem a função que nos cabe, nessa emergência de guerra, na articulação dos nossos deveres, dentro do mesmo espírito de unidade de doutrinas que deve inspirar todo esse esforço nacional de guerra.

Um só lema deve orientar a todos os brasileiros, cada qual na esfera que lhe couber :

Organização, execução e compreensão.

Devemos primeiro mobilizar os espíritos e as inteligências, para despertar a compreensão e a disciplina, na obediência conciente.

Essa obra de mobilização total abrange todos os brasileiros — suas instituições militares, suas organizações civis, científicas, culturais, conservadores, profissionais e populares.

Um exemplo de que estamos bem orientados acabamos de presenciar com a criação da *Legião Brasileira de Assistência*, sob a direção suprema da Exma. Senhora Darcí Vargas, primeira dama do país, e com o apóio de um órgão civil conservador, como a Associação Comercial, em cuja órbita se movem todos os interesses econômicos do país e que, como a "Trade Union", na Inglaterra, orientará todo esforço nacional de guerra.

Falando a ilustres autoridades militares do país e diante de farmacêuticos civis que acorreram espontaneamente para prestar os seus serviços de guerra, tenho a certeza de que dêsse consórcio entre civis e militares, na hora suprema da mobilização, resultará uma sadia Política Alimentar de Guerra, e o Brasil, celeiro do universo, mercê de Deus não conhecerá a fome!